



Entre a modificação e a quantificação: adjetivos como determinantes plurais em português brasileiro (PB)

The quantifier-like adjectives of Brazilian Portuguese (BP)

Ana Paula QUADROS GOMES*

Tatiane GONÇALVES SUDRÉ**

RESUMO: O objetivo deste artigo é explicar o comportamento de adjetivos que estão funcionando ora como um modificador ora como um determinante no Português Brasileiro (PB). Ao desempenhar o papel de um determinante, selecionam pluralidades, exibindo informações de quantidade ('Diferentes comidas foram preparadas para o jantar.'/ *'Diferente comida foi preparada para o jantar.'). Nesse caso, a marcação plural é fundamental para a gramaticalidade da sentença. Contudo, o mesmo adjetivo (p.ex. 'diferente'), ao se comportar como um modificador, pode aparecer na sua forma singular de maneira que não traga nenhum problema quanto a sua aceitação ('A cozinheira iniciou o dia fazendo uma diferente comida para o jantar.'). A proposta que será defendida é a de que esses adjetivos são um subgrupo da classe dos adjetivos de grau relativo (AGRs) (KENNEDY; MCNALLY, 2005). Defenderemos que a classe dos AGRs possui sintaxe e semântica especiais, capazes de explicar o licenciamento de alguns deles como um

ABSTRACT: This article addresses why some adjectives can work as plural determinants in Brazilian Portuguese (BP). When playing the role of a determinant, they select pluralities, displaying quantity information ('Diferentes comidas foram preparadas para o jantar.'/ *'Diferente comida foi preparada para o jantar.'). The plural morpheme is essential for the grammaticality of those determiners. However, the same adjective (p. egg. 'diferente' 'different') can appear in its singular form as a modifier without threatening the acceptability of the sentence ('A cozinheira iniciou o dia fazendo uma diferente comida para o jantar.'). We propose that Q-Adjectives, or those adjectives showing this behavior in BP, are a subgroup of the class of Relative Gradual Adjectives (RGAs) (KENNEDY; MCNALLY, 2005). Since RGAs have special syntactic and semantic properties, we also propose that they can operate as plural determinants. We will also explain why not every RGA can behave as a determiner, by claiming that a special

* Professora Doutora da UFRJ. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3476-0193>. anaquadros@letras.ufrj.br

** Mestranda da UFRJ e bolsista Capes. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1200-188X>. tatianesudre@gmail.com

determinante plural. Também explicaremos por que nem todo AGR pode funcionar como determinante: há um tipo especial de comparação requerido para que um adjetivo se torne um adjetivo quantificacional (Q-Adjetivo).

type of comparison is required for adjectives to become quantificational (Q-Adjectives).

PALAVRAS-CHAVE: Determinantes. Plural. Adjetivos de grau. Adjetivos quantificadores. Semântica de graus.

KEYWORDS: Determiners. Plural. Degree adjectives. Quantifying adjectives. Degree semantics.

1 Introdução

É um fato muito conhecido que os determinantes da língua inglesa são especializados em nomes massivos e contáveis. ‘*Much*’ é um exemplo do primeiro caso, pois pode ser usado com o equivalente em inglês de ‘sal’, em ‘*much salt*’, mas não com o equivalente a ‘carros’, em *‘*much cars*’. Já ‘*many*’, um exemplo do segundo caso, pode ser usado com o termo em inglês para ‘carros’, em ‘*many cars*’, mas não com o termo para ‘sal’, em *‘*many salt*’. Por outro lado, os determinantes das línguas românicas, em geral, não apresentam especialização em nomes massivos ou contáveis. Como notam Gomes e Mendes (2018), o português tem ‘cada’, que é especializado em contáveis singulares (‘cada aluno’, *‘cada ar’), mas não tem nenhum determinante como o ‘*much*’ do inglês, que se combine apenas com nomes de massa. Porém, o português brasileiro (PB) conta com “determinantes que selecionam exclusivamente nomes contáveis plurais, como *vários*¹, *diferentes*, *diversos*, *distintos*” (GOMES; MENDES, 2018, p. 73). Os exemplos abaixo (nossos) ilustram a agramaticalidade desses determinantes no singular:

¹ Fábregas (2019) afirma que ‘*vários*’, em estágios anteriores do espanhol, podia ser usado como adjetivo, no sentido de ‘variado’, embora no espanhol contemporâneo seja apenas um quantificador; assumimos a mesma coisa para ‘*vários*’ em PB. ‘*Variados*’ pode assumir a função de determinante plural em PB.

- (1) a. Diferentes times protestaram contra a Liga Portuguesa de Futebol. (Braga, Vitória SC, Aves, Leixões, Famalicão, Vizela etc.)
b. *Diferente time protestou contra a Liga Portuguesa de Futebol.
- (2) a. Distintas pessoas, de distintas culturas, ao longo da história da humanidade, traduziram a interioridade humana como paisagens poéticas.
b. *Distinta pessoa, de distinta cultura, ao longo da história da humanidade, traduziu a interioridade humana como paisagens poéticas.
- (3) a. Diversos usuários do WhatsApp foram vítimas de golpe.
b. *Diverso usuário do WhatsApp foi vítima de golpe.
- (4) a. Variados bairros reclamaram da qualidade da água.
b. *Variado bairro reclamou da qualidade da água.

Além do interesse trazido por essa seleção inusitada, peculiar para uma língua como o PB, em que os determinantes em geral não fazem seleção semântica dos nomes, outro aspecto bem interessante desses determinantes é que eles se parecem com adjetivos, em termos de distribuição e morfologia, e, funcionando como adjetivos, admitem singular. Primeiramente, eles têm forma superlativa sintética ('diferentíssimos', 'distintíssimo', 'variadíssimo'; só *'diversíssimo' não é atestado, talvez por termos 'diversificadíssimo'), ou pelo menos analítica ('muito diferente', 'muito distinto', 'muito variado'; 'muito diverso'). Depois, todos eles podem aparecer em posição predicativa:

- (5) a. Isso é diferente. / João e Maria são muito diferentes.
b. Tudo ao redor está distinto. / Os padrinhos estão muito distintos com esses trajes.
c. Minha opinião é diversa. / As consequências foram diversas.
d. O repertório dele é variado. / Os itens que as pessoas perdem na rodoviária são variados.

Eles também podem aparecer em posição atributiva canônica, que em línguas românicas como o PB é a ordem núcleo-predicado (CINQUE 2010):

- (6) a. Gêmeos nascem em anos diferentes no Rio de Janeiro.
b. Incêndio na Austrália e na Amazônia têm causas distintas.
c. O prefeito foi acusado de usar recursos públicos com finalidade diversa.
d. Uma das atrações do bar é a gastronomia variada.

Os exemplos (5) e (6) mostram que os determinantes plurais podem se comportar como a maioria dos adjetivos do PB, por apresentarem flexão de grau, funcionarem como predicado sentencial e também modificarem núcleos de argumentos nominais, na ordem canônica. Vale observar que os determinantes plurais, ao funcionarem como adjetivos, exibem ainda uma propriedade que poucos adjetivos têm nas línguas românicas, a saber, a de burlar a ordem canônica, tanto aparecendo antes do núcleo nominal quanto depois, em posição atributiva:

- (7) a. O assistente do Google já consegue reconhecer vozes das mais diferentes pessoas.
b. Ary Fontoura vive uma distinta senhora no cinema.
c. O programa apoia projetos culturais de diversas formas de expressão.
d. O festival de música comporta os mais variados estilos.

Este artigo vai tratar desses determinantes do PB, que selecionam pluralidades quando funcionam como determinantes, mas que apresentam também uma distribuição de adjetivos, e que, funcionando como adjetivos, aceitam singular. Vamos abordar o fenômeno na interface da semântica com a sintaxe. O problema empírico que se coloca, como aponta Laura Brugè (2018), em seu trabalho sobre 'otro' ('outro' em espanhol), é que a gramaticalidade dos exemplos de (1) a (4) representaria um problema para a análise de 'vários', 'diferentes', 'diversos', 'distintos' etc. como modificadores, dado que adjetivos não costumam licenciar sujeitos oracionais. Por exemplo, embora 'novo' seja um adjetivo que pode aparecer em posição predicativa (8a) e atributiva (8b,c), tanto após (8b) quanto antes do núcleo (8c), esse adjetivo não

funciona como um determinante no singular (8d), e, embora melhore no plural (8e), não é nem de longe tão natural quanto os do exemplo (1)²:

- (8) a. O carro é novo.
- b. O novo diretor é muito simpático.
- c. Meu irmão mais novo viajou.
- d. * (Um) novo aluno entrou na minha turma este mês.³
- e.* (Estes) novos alunos entraram na minha turma este mês.

Vemos que não faz grande diferença para o licenciamento do sujeito oracional usar ‘novo’ no plural ou no singular: tanto (8d) quanto (8e) requerem a presença de um determinante clássico, como ‘um’ ou ‘estes’. O contraste entre os dados de ‘novo’/ ‘novos’ (8d,e) e os de ‘diferentes’ (1a,b), ‘distintas’ (2a,b), ‘diversos’ (3a,b), e ‘variados’ (4a,b) como sujeitos sentenciais levantam a questão de por que nem todos os adjetivos licenciados em posição predicativa e, na atributiva, tanto seguindo quanto precedendo o núcleo nominal, podem licenciar sujeitos oracionais. O que distingue gramaticalmente adjetivos como ‘novos’ de adjetivos como ‘diferentes’, quanto ao licenciamento de sujeitos oracionais?

Esse problema não é exclusivo do PB. Fábregas (2019) indica que, também no espanhol, não é qualquer adjetivo pós-nominal ou pré-nominal que licencia sujeitos sentenciais sem determinantes expressos — vejamos os exemplos (3a, b) dele, retirados da página 42 e aqui renumerados por nós para conveniência do leitor:

² Como apontado por um parecerista anônimo, a quem agradecemos, não só por isso, mas pela dedicada leitura deste trabalho, por suas sugestões valiosas e por seus inestimáveis comentários prestimosos, ocorrências similares a (8e) com maior aceitação são atestadas: “Novos alunos devem ficar atentos às datas de matrícula” (<https://jornal.usp.br/universidade/matricula-2020/>). Trata-se, porém, de manchetes, ou de títulos de notícias jornalísticas, que, por especificidades do gênero, omitem os determinantes; acreditamos que a mesma sentença, figurando em outro gênero textual, traria obrigatoriamente o determinante expresso: “Os novos alunos devem ficar...”.

³ O asterisco em (8d, e) indica que o material interno aos parênteses não pode ser omitido, sob pena de a sentença se tornar agramatical. Precisa haver determinante realizado antes de ‘novo’.

- (9) a. **(Unos) estudiantes rubios suspendieron.*
 Uns estudantes loiros reprovaram
 ‘Alguns estudantes loiros bombaram.’
- b. **(Esos) elegantes embajadores se fueron.*
 estes elegantes embaixadores se foram
 ‘Aqueles elegantes embaixadores nos deixaram.’

Vemos, pelas versões apresentadas em (9), que, também em espanhol, nem todo adjetivo funciona como determinante: ‘loiro’ (que, a propósito, não é gramatical antecedendo o núcleo nominal em PB: ‘O moço loiro entrou.’ / *‘O loiro moço entrou’) e ‘elegante’ (que em PB pode vir antes ou depois do núcleo) necessitam de um determinante expreso. Considerando as versões em PB, vemos que ‘loiros’ e ‘elegante’ são ainda menos aceitáveis que ‘novos’ como determinantes, e em PB ‘novos’ não é tão bom quanto ‘variados’, ‘diferentes’, ‘diversos’, ‘distintos’ etc. A pergunta é: quais são os ingredientes para o licenciamento de um adjetivo plural como determinante? Qual é o papel da pluralidade?

Vamos defender que esses determinantes, que chamaremos de adjetivos quantificacionais (Q-adjetivos), seguindo Fábregas (2019) e Müller, Negrão e Pemberton (2002), são adjetivos de grau relativo (AGRs), que, por terem uma sintaxe e uma semântica especial (cf. KENNEDY; MCNALLY; 2005), podem ser construídos em posições mais altas do sintagma nominal; aqueles dentre os AGRs que, pelo seu significado, estabelecem comparação entre pelo menos dois indivíduos, aplicando-se somente a um grupo ou a uma pluralidade, preenchem as condições para serem esvaziados de parte de seu sentido, retendo apenas a informação de número, num processo de gramaticalização. Assim como Brugè (2018) propôs para ‘otro’ em espanhol, vamos analisar esses determinantes plurais como adjetivos de modificação direta que fazem merge na projeção estendida do sintagma nominal, acrescentando que eles estão subcategorizando a informação de número plural de NumP.

Este artigo está organizado da seguinte maneira: na seção 2, apresentaremos a semântica de graus, demonstrando que todos esses determinantes correspondem a adjetivos de grau relativos; na seção 3, apresentaremos os achados de outras pesquisas sobre os determinantes plurais nas línguas românicas e também apresentaremos nossa análise; na seção 4, estão as nossas conclusões.

2 Os adjetivos de grau

2.1 Semântica

Segundo Kennedy e McNally (2005), os adjetivos (bem como todas as expressões lexicais) se dividem semanticamente em dois grandes grupos: os graduáveis ou escalares, chamados de adjetivos de grau (AGs), e os não-graduáveis ou não-escalares, os ditos adjetivos sem grau. Os adjetivos de grau podem ser separados dos sem grau através de testes independentes, consagrados na literatura da semântica de graus. Os AGs (mas não os adjetivos sem grau) podem ser intensificados — ver (10a) e (11a) —, podem entrar em uma estrutura de comparação — ver (10b) e (11b) —, têm o seu oposto lexicalizado — comparar (10c) a (11c) —, e podem ser parte de *small clauses*, ou seja, complementos de verbos do tipo ‘julgar’, ‘achar’, ‘considerar’ — ver (10d) e (11d):

- (10) a. Esta roupa é muito diferente.
 b. As tatuagens dos presidiários são mais diferentes que as dos marinheiros.
 c. O oposto de *diferente* é *igual*.
 d. Achei o gosto da água diferente.
- (11) a. *Este copo é muito plástico.
 b. *Este copo é mais plástico que aquele.
 c. O oposto de *plástico* é ???
 d. *Julguei este copo plástico.

Pelos testes, percebemos que o adjetivo ‘diferente’ é de grau, mas o adjetivo ‘plástico’, não. Todos os determinantes plurais apresentados nos exemplos de (1) a (4)

na introdução ('diferentes', 'distintos', 'diversos', 'variados') passam no teste para adjetivos de grau. Vamos postular que somente adjetivos com grau podem ser determinantes plurais, ou adjetivos quantitativos. Os adjetivos sem grau não podem:

- (12) a. *Plástico copo caiu no chão.
b. * Plásticos copos caíram no chão.

Vamos propor que somente adjetivos de grau podem vir, quando atributivos, tanto antes quanto após o núcleo nominal; os sem grau, como 'plástico', somente são licenciados na posição canônica das línguas românicas, que é a linearizada na ordem nome-adjetivo. Assumiremos ainda que somente os adjetivos de grau possam vir a ser determinantes plurais, embora nem todos sejam. Ou seja: ser adjetivo de grau é condição necessária, mas não suficiente para que um adjetivo se torne um adjetivo quantificador (um AQ). Veremos brevemente por que é necessário ser um AG para ser um AQ. Começaremos pela análise de AGs que adotamos, numa semântica de graus ao modo de Kennedy e McNally (2005).

Semanticamente, sentenças formadas com AGs são comparações implícitas. Ou seja, são como uma sentença comparativa em que não se pronuncia um dos termos comparados. Esse termo vai ser recuperado por informações do contexto. Nessa análise, a sentença 'O combustível está caro' significa 'O combustível está mais caro que...' Qualquer nome que entrar no lugar dos três pontinhos precisa ter a propriedade de ter preço, mas, uma vez atendido esse requisito, não há nada previamente definido, podendo a sentença resultante variar entre 'O combustível está mais caro do que estava antes', 'O combustível está mais caro que um litro de leite', 'O combustível está mais caro que os outros itens do orçamento mensal' etc. Há diversas possíveis interpretações. Para todas elas, de qualquer modo que a sentença seja completada, a sentença só será julgada verdadeira se, entre os itens cujo preço é comparado, o

referente do nome pronunciado ('o combustível') tiver o maior valor. Isso mostra que, assim como sentenças comparativas explícitas de superioridade (x é mais A que y), de inferioridade (x é menos A que y) e de igualdade (x é tão A quanto y), que expressam diferentes relações entre os itens em comparação (x e y), cada adjetivo de grau também impõe suas próprias condições à comparação. Vimos que 'caro' se comporta como uma comparativa de superioridade. Há AGs que se comportam como comparativas de inferioridade; por exemplo, 'barato'. Assim, 'A cachaça é barata' pode ter esta tradução: o preço da cachaça, em comparação com o de algo a ser identificado contextualmente, tem o menor entre os valores comparados. Então 'A cachaça é barata' é lida como 'a cachaça tem menor preço que...', em que os pontinhos são completados com informações disponíveis no contexto, podendo resultar em 'a cachaça tem menor preço que a água', em 'a cachaça tem menor preço que a cerveja' etc. É uma comparativa de inferioridade. Há ainda AGs que disparam comparativas implícitas de igualdade, como 'cheio'; a sentença 'O balde está cheio' quer dizer que o nível de ocupação do balde é igual ao máximo volume que ele comporta. Tanto faz qual seja a capacidade do balde, ou o seu conteúdo. Se o balde for de 5 litros e tiver areia até a borda, será verdade que 'O balde está cheio'; mas se o balde for de 10 litros e tiver 3 litros de água dentro, essa sentença será falsa.

Os AGs se subdividem em dois grupos: aqueles que disparam comparações implícitas de superioridade ou inferioridade, como 'caro' e 'barato', são ditos relativos (AGRs). Aqueles que disparam comparações implícitas de igualdade são ditos absolutos. Propusemos que todos os adjetivos quantificadores (AQs) são AGs, como pode ser aferido aplicando a eles os testes em (10,11). Podemos acrescentar agora que todos os AQs são AGRs. Vamos reanalisar as sentenças que vimos em (6), aqui renumeradas para conveniência do leitor. Em (a) estão as mesmas sentenças, e em (b, c), duas das paráfrases possíveis para essas comparativas implícitas:

- (13) a. Gêmeos nascem em anos diferentes no Rio de Janeiro.
b. O ano de nascimento do gêmeo mais velho é anterior ao ano de nascimento do gêmeo mais novo.
c. O ano de nascimento do gêmeo mais novo é posterior ao ano de nascimento do gêmeo mais velho.
- (14) a. Incêndio na Austrália e na Amazônia têm causas distintas.
b. A causa do incêndio na Austrália é mais natural que a do incêndio na Amazônia.
c. A causa do incêndio na Amazônia é menos natural que a do incêndio na Austrália.
- (15) a. O prefeito foi acusado de usar recursos públicos com finalidade diversa.
b. A finalidade prevista por lei para o uso de recursos públicos está mais de acordo com o interesse coletivo do que a finalidade realmente dada pelo prefeito a certa verba.
c. A finalidade realmente dada pelo prefeito a certa verba está menos de acordo com o interesse coletivo do que a finalidade prevista por lei para o uso de recursos públicos.
- (16) a. Uma das atrações do bar é a gastronomia variada.
b. Os itens de gastronomia daquele bar são um mais peculiar que o outro.
c. Os itens de gastronomia daquele bar são um menos trivial que o outro.

É claro que as paráfrases oferecidas nas letras (b, c) em (13, 14, 15 e 16) para as sentenças (a) não esgotam todas as interpretações possíveis. A ampla variedade de leituras é resultado da propriedade da vagueza, visto que AGRs têm um termo de comparação não-pronunciado que será saturado contextualmente (e há muitos candidatos plausíveis no contexto para completar essa operação). Mas o importante é que não é possível parafrasear essas sentenças com a estrutura de comparativas de igualdade. Elas podem ser interpretadas de muitos modos, como é típico de sentenças com AGRs, mas nunca como adjetivos absolutos, em hipótese alguma. Por exemplo, não existe para (13a) a interpretação de que o ano de nascimento do primogênito é

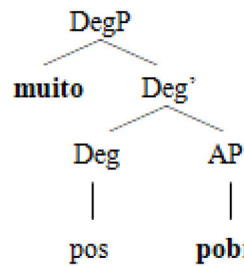
igual ao do outro gêmeo, nem é possível interpretar (15a) como “a finalidade dada à verba pelo prefeito e a finalidade prevista em lei para o uso dos recursos coincide”.

Vimos que todos os Q-Adjetivos são AGRs. Vimos um pouco de sua semântica, sem descermos a níveis muito técnicos. Mostramos que em seu uso adjetival ‘diferente’, ‘distinto’, ‘diverso’ e ‘variado’ disparam comparativas de superioridade ou de inferioridade (jamais de igualdade). Vejamos agora o que a literatura diz sobre a sintaxe dos AGRs, ou sobre a sintaxe dos AGs.

2.2 Sintaxe

O que diz a literatura sobre a sintaxe dos adjetivos de grau? Kennedy (1997) propõe que os adjetivos de grau são complementos de uma projeção funcional, o sintagma de grau (em inglês, DegP), que tem como núcleo um morfema de grau nulo, *pos*. O nome *pos* é derivado da descrição morfológica dos adjetivos em comparações implícitas como estando em sua forma positiva (p.ex., ‘grande’, ‘comprido’), ao passo que os adjetivos presentes em comparativas explícitas assumem forma morfológica comparativa, seja sintética (p.ex., ‘maior’) ou analítica (p.ex., ‘mais comprido’). *Pos* é um morfema de grau abstrato, silencioso que, em termos gerais, faz a mesma operação que *_or*, em ‘maior’: ordena dois objetos numa escala de acordo com o grau da propriedade exibido por cada um. O especificador dessa projeção funcional é uma projeção máxima, a do modificador de graus (vulgo intensificador). Essa proposta sintática teve vários proponentes (CORVER, 1991, 1997; ZAMPARELLI, 1993 etc.), e corresponde ao seguinte esquema arbóreo:

Figura 1 – Estrutura sintática funcional (adjetivo de grau).



Fonte: elaboração própria.

Observe-se que a estrutura de um adjetivo sem grau corresponde só à parte de AP (*Adjectival Phrase*) para baixo. Por isso, adjetivos sem grau não podem ser combinados com intensificadores (*‘este copo é muito plástico’), como foi posto à prova nos testes em (10,11). Um adjetivo de grau, como, por exemplo, ‘alto’, liga o seu argumento nominal (p.ex., ‘o prédio’, em ‘O prédio é alto’) a um determinado ponto da escala de ALTURA. Escalas são conjuntos de graus ordenados em ordem crescente, como numa régua. Então o objeto é relacionado a um ponto da escala (por exemplo, ‘o prédio’ é ligado ao grau da escala equivalente a 20m, que é a medida de sua altura). Para que possamos dizer se esse prédio é alto ou não, precisamos saber a altura do objeto com o qual ele está sendo comparado, pois apenas se o grau de altura do prédio for o maior na comparação julgaremos verdadeira a sentença. Quem introduz a função semântica que vai prospectar o contexto em busca desse termo de comparação é o operador *pos*. Se o que for trazido do contexto for o edifício Rio Sul Center, na cidade do Rio de Janeiro, com seus 163m de altura, a sentença será falsa. Mas se *pos* pescar no contexto o edifício de 3 andares em que minha tia mora, com seus 9m, a sentença será verdadeira. Então é no nível da projeção intermediária que temos uma comparativa implícita. A inserção do modificador de graus como especificador é facultativa, e não vamos tratar dela neste artigo.

A cartografia sintática tem uma proposta para a estrutura dos adjetivos em todas as línguas naturais. É defendida uma ordem universal entre os adjetivos, os quais são empilháveis (por exemplo, temos quatro adjetivos internos ao sintagma

nominal ‘meu lindo gato angorá preto peludíssimo’), e as ordens diversas nas línguas naturais são explicadas como fruto de movimento. Na conta da cartografia sintática, as línguas românicas apresentam adjetivos antes e depois do núcleo nominal porque o nome nessas línguas sofre movimento obrigatório, gerando a ordem canônica núcleo-modificador para a maior parte dos adjetivos delas. Cinque (2010, 2014) propõe que há universalmente duas fontes sintáticas para os adjetivos: modificação direta, quando o adjetivo está numa projeção funcional dedicada com posição hierárquica rígida na estrutura arbórea, e modificação indireta, quando o adjetivo é uma relativa reduzida, sem uma posição fixada de antemão dentro do sintagma nominal. Nessa abordagem, os adjetivos linearizados à esquerda do núcleo em línguas românicas só podem ter uma fonte: a modificação direta. Já os adjetivos cuja fonte é a modificação indireta só são linearizados dentro dos sintagmas nominais após o nome. Assim, depois do núcleo nominal, podem ser linearizados adjetivos de ambas as fontes.

Para a cartografia, há uma relação de causa e efeito entre a fonte sintática e a interpretação dos adjetivos. Adjetivos em modificação direta têm leitura não-restritiva, não-intersectiva, modal, de superlativo absoluto, específica, *individual-level*, literal ou idiomática⁴; já os adjetivos cuja fonte é a modificação indireta têm leitura restritiva, intersectiva, relativa (implícita), comparativa (para superlativos), específica, *stage-level*. Dado que o autor relaciona cada fonte com um tipo de interpretação, a ligação entre a fonte e a ordem nome-adjetivo ou adjetivo-nome explica o fato de adjetivos pós-nucleares serem ambíguos nas línguas românicas, mas os pré-nucleares não.

Uma vez que a cartografia assume que modificadores diretos podem ser linearizados em línguas românicas como o Português do Brasil (PB) tanto antes quanto depois do núcleo, e que DegPs são projeções funcionais dedicadas, Gomes e Sudré (no

⁴ Por que essa literatura é muito conhecida, e a exemplificação e a explicação de cada uma dessas interpretações desviaria o foco do tema deste artigo, remetemos o leitor interessado em detalhes à fonte desse elenco de interpretações contrastivas: Cinque (2010).

prelo) defendem que os adjetivos que podem aparecer linearizados antes e depois do núcleo nominal em PB são os AGs. Segundo essa proposta, há dois pontos na hierarquia estrutural do sintagma nominal (NP) em que DegP pode fazer merge, uma abaixo de NumP (a projeção de número que divide da projeção estendida do NP em duas regiões ou fases: abaixo dela fica a parte “lexical”, e acima a parte “funcional”, ou a periferia esquerda do nominal) e outra acima dele. As relações de escopo ou comando, na proposta das autoras, determina a diferença de interpretação entre AGs pré-nominais, como, por exemplo, ‘as grandes línguas’ (idiomas como o grego e o latim) e AGs pós-nominais em ‘as línguas grandes’ (órgãos da boca de comprimento exagerado). Na proposta delas, um AGR como ‘grande’ sempre dispara uma comparação implícita, no caso, de superioridade. Não está realizado na sentença o outro termo da comparação, que será buscado na operação semântica deflagrada pelo operador *pos*. Conforme a região da estrutura nominal em que DegP está, a busca pelo termo que falta se dará de uma forma diferente. Quando o DegP está na porção lexical da estrutura, a busca é livre, podendo resultar na seleção de qualquer elemento contextualmente saliente que tenha a propriedade relacionada ao adjetivo. Quando o DegP está na porção funcional da estrutura, a busca tem de se limitar ao domínio semântico compreendido pela periferia esquerda do nominal. Ali estão as informações de definitude, especificidade, situação, tempo, lugar, evento, modalidade etc. A busca pelo termo de comparação não-pronunciado, nesse caso, terá de se limitar à situação específica de que o referente do nome faz parte. NumP age como uma barreira para a “sonda semântica” projetada por *pos*, ao modo da sonda de número (sintática) presente em estudos de concordância como o de Norris (2014) e Pereira (2018), que vai numa direção, quando abaixo de NumP, e em outra, quando acima de NumP.

Em termos sintáticos, estamos propondo, então, que todo AG tem uma camada funcional, DegP (como proposto por CORVER, 1991; ZAMPARELLI, 1993; KENNEDY, 1997); que essa é uma estrutura de modificação direta, a qual, portanto,

pode ser linearizada à esquerda ou à direita do núcleo nominal em línguas românicas (como proposto por CINQUE, 2010); e que as diferenças de interpretação desses nomes são consequência do fato de que DegP pode fazer merge em dois pontos na estrutura, um na periferia esquerda do nominal e outro na porção lexical da projeção nominal estendida, como proposto por Gomes e Sudré (no prelo). Também assumimos, com o último trabalho citado, que apenas os AGRs reúnem as condições sintáticas e semânticas necessárias para aparecerem em PB na posição atributiva canônica, na ordem núcleo-modificador, e também na ordem inversa, com diferenças interpretativas (na nossa conta, decorrentes da determinação sintática das fronteiras do domínio semântico de onde sairá o termo de comparação não-pronunciado).

Queremos agora comentar um item em particular na descrição de Cinque (2010) sobre o contraste de interpretação entre adjetivos linearizados à esquerda e os linearizados à direita, que, em última instância, dependente da sua fonte sintática. Cinque (2010) mostra que, em línguas românicas, quando pré-nominal, ‘diferente’ tem leitura dependente do nome; e quando pós-nominal, ‘diferente’ tem leitura de anáfora discursiva. Adaptamos os exemplos do italiano dados por Cinque (2014) para o PB:

(17) João e Mário vivem em diferentes cidades (não-ambíguo)

- a. Leitura dependente do NP (única disponível): A cidade em que João vive não é a mesma cidade em que Mário vive.
- b. Leitura de anáfora discursiva (indisponível): João e Mário vivem em cidades que são diferentes de certa cidade saliente no discurso.

(18) João e Mário vivem em cidades diferentes (ambíguo)

- a. Leitura dependente do NP (disponível): A cidade em que João vive não é a mesma cidade em que Mário vive.
- b. Leitura de anáfora discursiva (também disponível): João e Mário vivem em cidades que são diferentes de certa cidade saliente no discurso.

Para Cinque (2010, 2014), o fato de, nas línguas românicas, ‘diferente’ na ordem modificador-núcleo só ter a leitura dependente indica que esse adjetivo está construído

como modificação direta; a leitura de anáfora discursiva disponível na ordem canônica é um resultado da construção de ‘diferente’ como modificação indireta. Então, na conta desse autor, o mesmo adjetivo pode ter duas fontes sintáticas. Nossa proposta toma outro caminho: para nós, ‘diferente’ é um AGR, e está sempre em modificação direta, dada a sua projeção funcional DegP. Em (18) temos DegP abaixo de NumP, o que permite que o outro termo de comparação seja livremente procurado no discurso. Essa liberdade pode resultar em qualquer uma das leituras explicitadas em (18a) e (18b). Porém, quando o DegP está acima de NumP na estrutura, NumP é uma barreira, e a busca pelo parâmetro fica restrita à periferia esquerda da sentença, resultando em uma única interpretação, a dependente do NP. A nosso ver, a semelhança entre a interpretação de ‘diferente’ pré-nominal e a de adjetivos como ‘pretense’, que não são gramaticais na posição atributiva canônica (‘O pretense médico saiu da sala’/ *‘O médico pretense saiu da sala’) nem como predicativos (* ‘O médico é pretense’), decorre do fato de adjetivos como ‘pretense’ terem a mesma fonte sintática que os AGRs, modificação direta (mas no caso de ‘pretense’, a projeção funcional dedicada é de um outro tipo, não é DegP⁵) e de estarem também situados na porção mais alta da projeção nominal estendida. Quanto à semelhança de interpretação entre uma das leituras de ‘diferente’ pós-nominal e adjetivos como ‘amarelo’, que nunca são licenciados à esquerda, mas sempre à direita do nome (*‘A amarela blusa é dela.’/ ‘A blusa amarela é dela.’) ou em posição predicativa (‘A blusa é amarela.’), ela não vem de terem a mesma fonte sintática, pois a de ‘amarelo’ é a modificação indireta e a de ‘diferente’, a modificação direta. O que há em comum sintaticamente é o fato de ambos ocuparem a zona lexical do NP, na borda /fronteira com o discurso. Nessa região, é facultado ao AGR buscar o termo da comparação não-pronunciado no contexto de

⁵ Cinque (2010) trata esses adjetivos como modificação direta localizada num ponto entre o Determinante e o núcleo nominal; deduzimos que adjetivos como ‘pretense’ ocupam projeções dedicadas acima de NumP; há propostas de duas posições de merge distintas para modais como ‘possível’, uma para a leitura circunstancial e outra para a leitura evidencial (ver HACQUARD, 2013).

enunciação; sendo assim, a interpretação do AGR pós-nominal fica próxima da obtida por adjetivos cuja fonte é a modificação indireta. Mas liberdade não é obrigação: entre as possibilidades de domínio para tirar o termo de comparação nulo está a situação em que o referente do nome se encontra, gerando para 'diferente' pós-nominal aquela leitura que é a única que o AGR pré-nominal pode ter, a dependente.

Já dissemos que os Q-adjetivos, segundo os testes propostos, são um subconjunto dos AGRs. Isso significa que tudo o que dissemos na seção (1) quanto à semântica e à sintaxe dos AGs se aplica a eles. Proporemos que, uma vez que os AGRs podem fazer merge na periferia esquerda da sentença, eles podem daí se mover para uma posição mais acima, mais próxima à do determinante, atuando quantitacionalmente. Falta ainda explicar o porquê de nem todos os AGRs poderem se mover para essa posição mais alta. Assumiremos que, para ser um Q-Adjetivo, há condições semânticas que nem todos os AGRs podem cumprir, como subcategorizar plural. Voltaremos a isso mais adiante. Por ora, basta deixar claro que, em nossa proposta, os Q-Adjetivos são um subconjunto dos AGRs.

3 Os Q-adjetivos

3.1 Estudos anteriores comentados

Um traço dos AGRs é a transitividade, visto que qualquer comparação exige dois termos a serem comparados. Outros linguistas que estudaram os Q-adjetivos abordaram essa transitividade, embora em outros termos. Müller, Negrão e Pemberton (2002), ao estudar os Q-Adjetivos, os identificam com a classe semântica dos adjetivos predicadores, adicionando o requerimento de que esses adjetivos sejam de mais de um lugar. Para as autoras, os adjetivos predicadores podem ser predicados de um, dois ou mais lugares. Ao serem predicados de mais de um lugar, poderão ser comparados à outra classe; a esses adjetivos predicadores elas dão o nome de *relacionais*. Para elas, que se baseiam em Menuzzi (1992), um adjetivo relacional em posição pós-nominal

pode se relacionar com o núcleo nominal. Na conta delas, adjetivos como ‘italiana’ e ‘bibliográfica’ não são licenciados antes do núcleo nominal em PB por serem argumentais, uma vez que a ordem em português é núcleo-complemento. Já adjetivos como ‘rigoroso’ e ‘exata’, dizem elas, por serem predicadores e relacionais, tipicamente aceitam a anteposição, pois eles podem tomar o nome-núcleo como seu argumento; ou seja, esses adjetivos pegam o núcleo nominal como a classe sobre a qual se efetua a comparação. Concordamos com esse estudo sobre a associação entre transitividade e a possibilidade de antepor o adjetivo ao núcleo nominal. A ideia de comparação, como aquelas autoras intuía, é central para isso. Diferentemente delas, assumimos como a classe maior dos Q-Adjetivos não os relacionais, mas os AGRs⁶.

A respeito dos adjetivos quantificadores, a autoras comentam:

existe um outro tipo de adjetivo anteposto, além dos adjetivos relacionais. São adjetivos como *diferentes, diversos, respectivos*, (...) Nunes-Pemberton (1997) chama esses adjetivos de adjetivos *quantificadores*, os quais estão listados na Tabela V. A intuição é a de que estes adjetivos indicam, da mesma forma que quantificadores indefinidos como *vários, muitos...* a quantidade de elementos do grupo denotado pelo substantivo-núcleo (ex. (47)-(50)) ou a ordem que a entidade denotada ocupa numa escala de espaço ou de tempo (ex. (50)) (MÜLLER; NEGRÃO; PEMBERTON, 2002, p. 19-20).

Para situar melhor o leitor, reproduzimos o exemplo (47): ‘o importante é que o professor proponha **diferentes atividades** que envolva **diferentes processos mentais**’; e o (49) ‘fala chinês fala **diversas línguas** e tem um prato hindu que fazem na China’. Resumindo seus achados, essas linguistas concluem, entre outras coisas, que, “quando

⁶ Apesar de Müller, Negrão e Pemberton (2002) utilizarem outros conceitos para separar os adjetivos em classes semânticas, a tabela III: ADJETIVOS ANTEPOSTOS AO NOME-NÚCLEO, que contabiliza as ocorrências de adjetivos pré-nucleares no *Corpus mínimo do Projeto da Gramática do Português do Brasil*, é basicamente composta de AGRs. Isso vale para a tabela IV: ADJETIVOS INTENSIFICADORES.

antepostos, os adjetivos comportam-se como quantificadores de grau ou de contagem” (MÜLLER; NEGRÃO; PEMBERTON, 2002, p. 20).

A descrição está perfeita: as informações semânticas encontradas nos exemplos (47) e (49) do texto citado são de quantidade (plural) de, respectivamente, atividades, processos mentais e línguas; está claro que não podemos dar conta desses casos simplesmente dizendo que a leitura pré-nominal de ‘diferente’ e ‘diverso’ é dependente do nome; primeiramente, por que não parece ter muita importância discursiva aí identificar os fatores que distinguem uma atividade da outra, ou um processo mental do outro, ou uma língua da outra; não importa como são diferentes um do outro, mas interessa marcar que são de número plural; prova disso é que a forma singular dos adjetivos pré-nominais não funciona sem um determinante expresso:

- (19) a. *O importante é que o professor proponha **diferente atividade** que envolva diferentes processos mentais.’
 b. *O importante é que o professor proponha diferentes atividades que envolva **diferente processo mental**.’
 c. *Ele fala **diversa língua**.

Falta dar uma explicação clara de como se passa da leitura dependente do nome exemplificada por Cinque (2010, 2014) (ver exemplo (17), em que a leitura é centrada nas diferenças entre uma cidade e outra), quando o adjetivo pode vir no singular (p.ex., ‘Conheça a **diferente** ópera Verbatim, que homenageia imigrantes em São Paulo’ marca que essa ópera é fora do padrão, distingue-se da maioria), para uma leitura de Q-adjetivo, em que o número plural é o fator preponderante, como nas versões plurais de (19). Defenderemos que o AGR pré-nominal “sobe” mais na hierarquia sintática, passando a se comportar sintaticamente como um determinante. A outra pergunta de que temos de dar conta é a de por que AGRs como ‘diferente’ e ‘diverso’ podem, mas

outros AGRs não, fazer esse percurso. Para isso, vamos examinar outros estudos conhecidos sobre esses AGRs.

Adjetivos cuja semântica inclui comparação têm chamado a atenção de linguistas há muitas décadas. Heim (1985), Dowty (1985), Carlson (1987) e Moltmann (1992) são alguns dos que analisaram as muitas leituras possíveis para ‘diferente’⁷. Foram atestadas leituras de reciprocidade, dependentes do nome (para a forma plural), leitura de variável presa por quantificador etc. Beck (2000) diz o seguinte sobre o adjetivo ‘diferente’:

Quando não houver nenhum item de comparação abertamente realizado, haverá várias interpretações possíveis para ‘diferente’, isto é, a fim de determinar quais são as coisas que entrarão na comparação (note-se que eu distingo terminologicamente um ‘item de comparação’ – algum constituinte sintático que possa prover a descrição de uma das entidades semânticas que estão sendo comparadas – daquelas entidades a que me refiro como ‘objetos comparados’ ou de outra forma semelhante) (BECK, 2000, p. 103).

Beck (2000) propõe que há dois diferentes ‘diferente’: um é um adjetivo relacional, outro é um operador de comparação. Como dissemos sobre a proposta de Müller, Negrão e Pemberton (2002), o que Beck (2000) analisa como adjetivo relacional é para nós um AGR pré-nuclear. E o ‘diferente’ analisado como um operador de comparação é um Q-quantificador, um AGR que foi alçado a uma posição de quase determinante. Não vemos uma ambiguidade sintática, como a defendida por Cinque (que fala em um ‘diferente’ modificação direta e um ‘diferente’ modificação indireta),

⁷ Cada estudo foi sobre a forma de ‘diferente’ em uma língua (inglês, espanhol, italiano etc.). É interessante notar que, apesar dos parâmetros sintáticos que juntam ou separam as línguas naturais em famílias gramaticais (o parâmetro do sujeito nulo, p.ex.), os AGs são os mesmos em todas elas, segundo os estudos sobre o tema feitos até o momento. Assim, ‘grande’ é um AGR em PB, e sua tradução em qualquer língua se comporta como um AGR; ‘cheio’ é um AG absoluto em PB, e suas traduções idem; de forma que o comportamento do AGR ‘diferente’, discutido em certa língua por determinado autor, é encontrado também no seu equivalente em outras línguas.

mas um DegP em três posições distintas da projeção nominal estendida. Não obstante, reconhecemos a importância da comparação, cerne da análise de Beck. A comparação envolve transitividade: tem de haver pelo menos dois itens para serem comparados. Nesse sentido, todos os AGs são transitivos, como já mostramos. Mas enquanto AGRs como ‘grande’ podem comparar um indivíduo específico com uma classe de objetos, como em ‘Jumbo é grande para um animal’, itens como ‘diferente’ comparam mais apropriadamente indivíduos específicos⁸. Estamos defendendo, então, que nem todo AGR pode ser um Q-adjetivo porque, embora todo AGR seja uma comparação, nem toda comparação permite ao adjetivo que funcione como determinante. É preciso que os itens comparados sejam individuados e específicos. Isso está de acordo com outra ponderação de Beck: a linguista afirma que questões sobre a pluralidade e a cumulatividade têm consequências sobre a interpretação de ‘diferente’. A cumulatividade é o resultado de predicados que, sempre que se aplicam a dois indivíduos distintos em sua denotação, também se aplicam à sua soma. Em posição predicativa (20a) ou pós-nominal (20b), o AGR ‘diferente’ pode ter leitura cumulativa, mas nunca em posição pré-nominal, haja (20c) ou não (20d) um determinante expresso:

- (20) a. João e Maria são diferentes. (um do outro, ou ambos são diferentes das demais pessoas – esta última leitura é cumulativa)
 b. Os alunos diferentes requerem uma avaliação personalizada. (os alunos diferentes entre si ou um grupo de indivíduos que se distingue por necessidades especiais, por exemplo – esta última leitura é cumulativa)
 c. Dentre os autores que buscam sintetizar aquelas diferentes acepções, ele sobressai. (a única leitura é a de que as acepções são distintas uma da outra – não há leitura cumulativa)

⁸ Pelo menos em posição atributiva, quando DegP está acima de NumP. Por isso, ‘João é diferente’ (posição predicativa) pode significar que João tem algo peculiar que o torna saliente entre todos os seres humanos, e ‘O menino diferente chegou’ também tem a leitura de que alguma particularidade destaca esse menino entre as outras crianças da mesma idade, mas ‘a diferente realidade do Brasil’ é mais frequentemente compreendida como distinguindo a realidade brasileira da de outros países (comparação entre itens individuados e específicos); no uso como determinante, com o AGR plural, a especificidade é inescapável: ‘Visite *diferentes* bares em SP’.

d. Diferentes partidos se unem contra interferência de Moro no caso Marielle. (os partidos são distintos entre si – não há leitura cumulativa)

Consideramos que o AGR ‘diferente’, a princípio, permite tanto a leitura cumulativa quanto a específica, como vemos quando o AGR está abaixo de NumP, mas que a posição sintática acima de NumP interfere, impedindo a leitura cumulativa. Sendo NumP uma barreira sintática, o outro termo de comparação, o não-pronunciado, não poderá ser buscado no contexto; a busca pelo segundo termo da comparação implícita fica restrita à região da projeção nominal estendida compreendida entre NumP e DP, onde estão as projeções funcionais dedicadas a tempo, espaço, modalidade, situação, evento etc. Isso reduz as possibilidades para uma comparação entre indivíduos participantes da mesma situação. Para a leitura específica, a pluralidade é um requisito, pois, se a comparação for entre dois indivíduos específicos, é preciso usar o nome no plural para que ambos os indivíduos estejam na denotação do sintagma nominal (por exemplo, ‘alunos’, em (20 c, d), não pode estar no singular). Assim, recharacterizamos a oposição mencionada, sempre lembrada na literatura, para uma opção entre a especificidade (dentro da pluralidade) e a cumulatividade.

Antonio Fábregas publicou recentemente uma interessante análise de D-adjetivos e Q-adjetivos em espanhol. Ambos funcionam como determinantes. Os D-adjetivos são os equivalentes ao português ‘certo’; podem aparecer no singular (‘Certo político revelou-se desonesto’) ou no plural (‘Certas pessoas são como nuvens; quando somem o dia fica lindo!’) e são sempre específicos. Não vamos tratar deles neste artigo. Vamos nos concentrar nos Q-adjetivos, como ‘diferentes’, que, como vimos, precisam sempre vir no plural. O autor assume que tanto D-adjetivos quanto Q-adjetivos são modificadores cujo significado os licencia como operadores sobre objetos definidos situados na área de quantificação e determinação (QP e DP) da projeção nominal estendida. Segundo Fábregas (2019), os Q-adjetivos do espanhol como ‘*numeroso*’,

'*múltiple*', '*diferente*' e '*distinto*' são modificadores que fazem merge junto a NumP, herdando desse sintagma as restrições impostas pelo núcleo de número, tais como as de que o sintagma a ser selecionado tem de ser plural. Para o autor, enquanto os adjetivos "normais" fazem modificação no nível do NP, os D-adjetivos e os Q-adjetivos fazem modificação ao nível das camadas funcionais NumP e SpecP. Diferentemente de nós, Fábregas assume que modificadores não ocupam posições rígidas, fixas, na sintaxe, afastando-se da proposta da cartografia sintática para os adjetivos. Como na nossa proposta, Fábregas assume que o mesmo 'diferente' pode se afixar em pontos distintos da estrutura arbórea, e que as diferenças de sentido são produto da sua vizinhança sintática. Nas palavras dele:

Se o adjetivo pré-nominal ocupa uma posição relativamente alta no sintagma nominal (...) há um paralelismo estrutural entre a configuração necessária para (79b) e a configuração sintática envolvida em adjetivos do tipo quantificacional (Q-adjetivos) (FÁBREGAS, 2019, p. 65).

O exemplo (79b) da citação anterior envolve 'interessante' pré-nominal (para nós, um AGR) em contexto de imperativo, apontado por Bosque (2001) como agramatical em espanhol (**¡Escribe una interesante novela!*). Em PB não constatamos a agramaticalidade de AGRs pré-nominais em contexto de imperativo:

- (21) a. Faça um pequeno esforço para manter o seu corpo tonificado.
 b. Tome um belo café da manhã antes de sair.

Chamamos a atenção do leitor para o fato de que, no plural, antecedendo o núcleo nominal e sem determinante realizado junto com o AGR, ou seja, no caso dos Q-adjetivos, essa agramaticalidade também não é atestada em PB:

- (22) a. Conheça diferentes tipos de massagem e escolha a sua preferida.

b. Escreva diferentes mensagens em pequenos pedaços de papel, do tipo: “Convide mais pessoas para virem aqui”.

Não obstante essa diferença entre o PB e o espanhol, entendemos, como Fábregas propõe para o espanhol, que temos em PB o mesmo AGR em três regiões diferentes da projeção estendida do NP em ‘O gato diferente miou’, ‘Conheci as diferentes paisagens asiáticas’ e ‘Diferentes gatos miaram’. Diferentemente de Fábregas, assumimos que todos esses AGRs apresentam a capa funcional DegP, sendo modificadores diretos, como descrito na cartografia sintática. Assumimos que há dois lugares de merge para um DegP na estrutura do NP: um abaixo de NumP e outro acima. Desse lugar acima, o DegP pode ainda ser alçado para um lugar mais alto, de onde subcategoriza a informação de plural e, ainda, por dar informações de quantidade, tal como um cardinal, pode funcionar como um determinante. Para Fábregas, só os intensificadores (como ‘muito’) entram na derivação como DegPs; o adjetivo ‘diferente’ entra como AP; na nossa proposta, os Q-adjetivos entram como DegP. Tirando esses pequenos detalhes divergentes, nossa análise coincide grosso modo com a de Fábregas, principalmente quanto ao papel da região da estrutura em que está o modificador sobre a interpretação do AGR.

O autor aponta regiões da projeção estendida do NP como responsáveis por operações semânticas como ponto-de-vista e ancoragem do referente; tais regiões, na parte mais alta da periferia esquerda da sentença, são a área do DP e a área da quantificação nominal, que licenciam sujeitos pré-verbais, determinantes e quantificadores. No domínio de ancoragem do referente são interpretados os traços de definitude, especificidade, dêixis. No domínio do ponto de vista são interpretados os traços semânticos de número e quantificadores generalizados como numerais e indefinidos.

Fábregas aponta que Q-adjetivos não permitem intensificação à esquerda em espanhol, o que vale também para o PB:

- (23) a. (**Muy*) *numerosos grupos opinanesto*. (ex. 17b de FÁBREGAS (2019))
 b. (**Muitos*) diferentes visitantes chegaram até aqui de trem.

A explicação do autor para esse fato é sintática: DegP (projeção onde está '*muy*') não pode intervir entre o AP (projeção onde está '*numerosos*') e SpecP, na configuração proposta por ele; ou seja, Q-adjetivos obrigatoriamente formam um constituinte com o núcleo funcional, o que bloqueia outras projeções intervenientes. Um problema é que tal configuração é proposta apenas para Q-adjetivos, mas, em PB, verifica-se a agramaticalidade da modificação de graus (presença de intensificador) para qualquer AGR pré-nominal:

- (24) a. As (**muito*) altas temperaturas do verão nos tornam antissociais.
 b. Vou vencer por uma (**muito*) larga margem.

Visto que os AGRs '*altas*' e '*larga*' não são licenciados como Q-adjetivos (não podendo aparecer como sujeito oracional sem serem precedidos por um determinante expresso), a explicação dada para (23a) não cobre os dados em (24). Então, algo impede a intensificação, independentemente de o AG pré-nominal ser quantificador ou não. Além disso, a proposta não explica claramente porque alguns AGRs podem ser A-quantificadores (p.ex., '*distintos*') e outros não (p.ex., '*larga*'). Apresentaremos nossa proposta na próxima seção.

Para o momento, concordamos com o autor sobre haver localidade, mas, a nosso ver, nenhum material lexical pode intervir entre DegP e NumP (que dá o traço de número plural) nem entre o DegP e o que está acima dele (que tem de ser o artigo). Isso porque o AGR precisa subcategorizar o traço de plural e precisa buscar o seu outro termo da comparação implícita na zona sintática da especificidade e da individualidade, comparando indivíduos participantes da mesma situação.

3.2 Q-adjetivos na nossa proposta

Defendemos que os Q-adjetivos são um subconjunto dos AGRs. Vimos que eles passam em todos os testes propostos na literatura para adjetivos de grau. A sintaxe que adotamos para os adjetivos de grau, seguindo Zamparelli (1993), Corver (1991, 1997) e Kennedy (1997), é a de uma projeção lexical (AP) sob uma camada funcional, DegP. Ou seja, adjetivos de grau estão em sintagmas de grau, que são projeções funcionais dedicadas. Na linha da cartografia sintática, definimos que os AGs são modificadores diretos. Modificadores diretos podem ser linearizados tanto à esquerda quanto à direita do núcleo nominal em línguas românicas, e os AGRs (como p.ex. 'triste') têm essa distribuição ('estes tristes trópicos', 'a notícia triste'). No entanto, nós discordamos da corrente mais popular da literatura cartográfica, que explica a diferença de interpretação de um mesmo item lexical adjetival à direita e à esquerda do núcleo em termos de ambiguidade. Na visão de Cinque (2014), 'triste' em 'a notícia triste' tem como fonte sintática a modificação indireta, daí a interpretação extensional, intersectiva, *stage-level*: aquilo de que estamos falando é a um só tempo algo triste e uma notícia; já em 'estes tristes trópicos', 'triste' é interpretado de modo não-intersectivo, intensional, *individual-level* por ter como fonte a modificação direta. Vamos assumir que DegPs têm mobilidade na sintaxe, no sentido de poderem fazer merge em dois pontos diferentes da estrutura, um abaixo de NumP, na zona lexical do sintagma nominal estendido, e outro acima de NumP, na zona funcional do sintagma nominal estendido. Na nossa conta, a diferença de interpretação entre AGs pré-nominais e AGs pós-nominais é decorrência de NumP funcionar como uma barreira, ou dividir uma fase. Um AGR é analisado na literatura (ver KENNEDY; MCNALLY, 2005) como uma comparativa incompleta, que precisa preencher uma lacuna, correspondente ao valor de um dos termos comparados. Esse termo não-pronunciado vai ser buscado irrestritamente, inclusive no contexto de fala, quando DegP está na região lexical do NP. Isso permite a formação de leituras extensionais, *stage-level*,

intersectivas etc. Mas também é possível, como resultado da livre escolha desse segundo termo para a comparação, que se produza uma leitura não-intersectiva, intensional, *individual-level* etc. para o AGR pós-nominal. Dessa forma, a ambiguidade dos AGRs pós-nominais não indica que eles podem estar configurados como modificação direta ou indireta, mas, na nossa conta, indica que não há restrições sintáticas abaixo de NumP para a valoração do termo de comparação que não corresponde a nenhum material lexical na sentença. No entanto, quando o AGR está acima de NumP, o domínio em que esse valor vai ser buscado fica restrito ao importe semântico da porção superior da projeção do NP estendido, visto que NumP é uma barreira e impede a busca livre desse valor no contexto de fala. Dada a configuração da camada funcional do NP, o termo de comparação terá de ser escolhido dentro da situação/ evento de que o referente do nominal participa, possibilitando a geração de menos leituras do que as encontradas quando o adjetivo é pós-nuclear. Daí não haver ambiguidade quando o AGR é pré-nominal.

Assumindo a proposta de Gomes e Sudré (no prelo), defendemos que os adjetivos do PB que podem, em posição atributiva, aparecer tanto após quanto precedendo o núcleo nominal são os AGRs. E defendemos que os AGRs são sensíveis à sua vizinhança sintática. Mostramos que todo Q-adjetivo é um AGR, mas nem todo AGR é um Q-Adjetivo. Segundo o trabalho de Müller, Negrão e Pemberton (2002), aquilo que chamamos de AGRs incluem “adjetivos intensificadores” e “adjetivos quantificadores”; e o que essas autoras chamam de “adjetivos quantificadores” inclui o que Fábregas considera como D-adjetivos e o que Fábregas chama de Q-adjetivos (e talvez outros tipos também). Estamos tratando apenas dos Q-adjetivos, no sentido de Fábregas (2019), e precisamos assumir o ônus de explicar por que motivo nem todo AGR pode ser um Q-adjetivo, ou antes, o que um AGR precisa ter para funcionar como um Q-adjetivo. Descritivamente, um Q-adjetivo tem de ser plural. Mas por quê?

Bem, se todo AGR é uma comparação, todos eles são transitivos, no sentido de ordenarem dois elementos com a mesma propriedade numa escala. Mas introduzir uma comparação implícita semanticamente não é suficiente para ser um Q-adjetivo. Analisando trabalhos sobre a semântica dos Q-adjetivos, argumentamos que é requerido que a comparação seja feita entre indivíduos específicos. Os exemplos (20) mostraram que a leitura cumulativa nunca é possível quando o AGR é pré-nominal. Isso também já tinha sido observado por Cinque (2010, 2014), no contraste interpretativo entre ‘diferente’ pré-nominal (não-ambíguo) e pós-nominal (ambíguo), em termos de leitura dependente do nome versus leitura anafórica contextual: o autor apontou que apenas leituras dependentes do nome ocorrem quando ‘diferente’ aparece antes do núcleo (ver exemplos (17) e (18)). Até aqui, falamos de coisas que afetam todos os AGRs, e não os Q-adjetivos em particular. Mas não haver leitura cumulativa para os AGRs antes do nome significa não apenas que a interpretação será dependente do nome, mas também que a comparação será estabelecida necessariamente entre dois ou mais indivíduos específicos denotados pelo núcleo nominal. Para poder denotar indivíduos específicos distintos, o núcleo precisa estar no plural. Como observado por pesquisas sobre a denotação do nominal *nu* em PB, o nosso singular *nu* é cumulativo (ou neutro para número ou massivo, na denominação de alguns autores – ver PIRES DE OLIVEIRA, 2017), mas o plural *nu* é contável. Como apontado por Schmitt e Munn (1999), mesmo em sintagmas de determinante o teste de operadores de reciprocidade mostra que não há individuação com especificidade na ausência do morfema plural, como exemplificado abaixo⁹:

⁹ Exemplos (36) de SCHMITT; MUNN 1999.

- (25) a. *A iguana brinca uma com a outra./ As iguanas brincam uma com a outra.
 b. *O homem se beija na França./ Os homens se beijam na França.

Dada a leitura de ‘diferente’ pré-nominal já descrita na literatura (ver Cinque 2014), a qual explicamos pelo bloqueio (por NumP, uma barreira) que impede a busca do valor do termo de comparação não-expresso no contexto discursivo, a ausência de morfologia plural obrigaria à leitura de que o referente do nome é esquisito/ estranho/ excepcional, ou seja, a de que ele tem a propriedade inerente (*individual-level*) que o destaca por contraste com os demais indivíduos presentes na situação de que participa. Observemos:

- (26) a. João é diferente. (de alguém saliente no contexto ou é diferentão/esquisito/único.)
 b. O aluno diferente fez prova ontem (ou é distinto de algum aluno saliente no contexto, ou é um aluno com necessidades especiais.)
 c. A diferente arte de Massafera produz verdadeiros milagres com tinta guache e lápis de cor (a única leitura é a de que a arte dele é sem precedentes.)
 d.*Diferente partido se une (não tendo mais de um partido, não cabe falar em união, e a forma singular não pode funcionar como determinante.)

Imputamos a agramaticalidade de (26d) ao fato de a subcategorização do plural ser obrigatória para Q-adjetivos. É o plural que permite ao nome denotar indivíduos específicos que possam ser comparados entre si. Existem naturalmente dois termos de comparação para o AGR ‘diferente’ nos exemplos (26a, b e c), em qualquer das leituras possíveis, mas essas comparações não são entre indivíduos específicos. Pluralizar as formas nominais permite comparar indivíduos específicos:

- (27) a. São Paulo e Rio de Janeiro são diferentes. (uma da outra ou são ambas diferentes das demais cidades brasileiras.)

- b. Os alunos diferentes fizeram prova ontem (diferentes um do outro, ou ambos são diferentes dos demais alunos.)
- c. As diferentes artes plásticas produzem verdadeiras maravilhas (diferentes uma da outra ou ambas diferenciadas de outras artes.)
- d. Diferentes partidos se unem por essa causa (dois ou mais partidos individuados apoiam juntos a mesma causa.)

Os exemplos em (27) mostram que o plural deflagra a leitura de reciprocidade (um indivíduo é diferente do outro dentro do grupo denotado pelo nominal). A leitura de reciprocidade requer especificidade na individuação dos membros do conjunto. É ser capaz de promover esse tipo de comparação que é requerido para que os AGRs se tornem Q-quantificadores. Embora todos os AGRs façam comparações implícitas, nada em sua semântica impõe que os termos comparados sejam indivíduos específicos. Em certos contextos sintáticos (em posição predicativa e em posição atributiva canônica), os AGRs ‘variados’, ‘diferentes’, ‘diversos’ e ‘distintos’ também podem promover a leitura comparativa que não licencia Q-adjetivos, que é a descrita como anafórico-discursiva. Porém, dada a restrição de domínio operada pela barreira de NumP, os AGRs não podem ter a leitura anafórico-discursiva na configuração modificador-núcleo, exibindo apenas a leitura descrita como dependente do nome. Essa leitura vale para todo AGR pré-nuclear, mas certos AGRs, nessa configuração, quando o nominal não traz morfologia de plural, só vão permitir a leitura de propriedade inerente (26c, 28a). O plural permite a comparação entre dois indivíduos específicos, que é requisito para a função de determinante:

- (28) a. Aprenda o diferente som do “i” em inglês. (AGR- leitura dependente do nome)
- b. Aprenda os diferentes sons do “i” em inglês. (AGR- leitura dependente do nome)
- c. Aprenda diferentes sons do “i” em inglês. (Q-adjetivo)
- d. *Aprenda diferente som do “i” em inglês. (Q-adjetivo)

Se (28a) tem só uma leitura, (28b) tem duas: ou todos os sons do “i” em inglês soam igualmente estranhos (para brasileiros, por exemplo) ou cada som é uma pronúncia distinta da do outro som para a letra “i” do inglês. O plural permitiu a comparação de um som com o outro, dentro da denotação do nominal. Essa é a leitura requerida para o adjetivo-quantificador, que vemos em (28c). A supressão do morfema de plural torna a sentença agramatical, como vemos em (28d): nem mesmo a leitura dependente do nome, verificada em (28b), está disponível. A nosso ver, isso acontece porque ‘diferente’ em (28c, d) foi alçado para uma posição mais alta na hierarquia estendida do nominal do que estava em (28b). Dessa posição, o AGR tem de subcategorizar o traço de plural para poder produzir uma comparação entre indivíduos específicos. É o traço de especificidade, próprio de determinantes, que permite que o AGR seja licenciado sem ser precedido por nenhum determinante pronunciado.

A posição dos Q-adjetivos é mais alta do que a de AGRs pré-nominais como ‘alto’ em ‘altas horas’. Propor duas posições para os AGRs pré-nominais não é uma solução sem precedentes: elas lembram a tão discutida distribuição dos cardinais, que podem funcionar como adjetivos ou como determinantes:

- (29) a. Os porquinhos são três.
 b. Os três porquinhos se esconderam.
 c. Três porquinhos escaparam do lobo.

4 À guisa de fechamento

Neste artigo examinamos uma classe de adjetivos que, sincronicamente, além de funcionarem como um modificador, também estão funcionando como um determinante (quantificador). Vimos ainda que esses adjetivos pertencem à classe dos adjetivos de grau (AGs). Partindo de Kennedy e McNally (2005), dividimos os AGs em dois grupos: relativos e absolutos. Os relativos (p. ex. ‘diferente’, ‘novo’, ‘pobre’, ‘alto’

etc.) buscam seu parâmetro no contexto, isto é, o outro termo da comparação implícita é livremente retirado do contexto na configuração núcleo-modificador. Os absolutos disparam comparações de igualdade, em que o grau de propriedade do referente do nome modificado pelo AG (por exemplo, no caso do AG 'cheio', o grau em que o balde está preenchido por alguma substância em dado momento) é comparado a uma propriedade inerente daquele referente (sua capacidade máxima, total). Argumentamos neste artigo a favor de que a classe de adjetivos que possui mobilidade em posição atributiva em PB, com relação ao núcleo nominal, é a classe dos AGs relativos, por sua singularidade sintática e semântica.

Porém, observamos que não é qualquer adjetivo de grau relativo que, ao ocupar a posição pré-nominal, vai poder desempenhar a função de um determinante. Todo Q-Adjetivo é um AGR, mas nem todo AGR pode ser um Q-adjetivo.

Propusemos uma explicação para o fato de nem todo AG relativo poder funcionar como um determinante (por ex. *novo*, em *novo funcionário*, não pode). Na nossa conta, somente um tipo muito especial de comparação licencia Q-Adjetivos: a comparação entre dois indivíduos específicos. Tal comparação está associada a traços de número (plural), dada a dependência do nome para a interpretação, e a traços de especificidade, traços normalmente veiculados por determinantes nas línguas naturais. Por isso, só aqueles AGRs que, quando precedendo o núcleo nominal plural, são capazes de tomar como termos de comparação implícita indivíduos específicos dentro da denotação do NP podem ser alçados à condição de Q-adjetivos.

Referências

BECK, S. The semantics of "different": Comparison operator and relational adjective. *Linguistics and Philosophy*, p. 101-139, 2000. DOI <https://doi.org/10.1023/A:1005566722022>

BOSQUE, I. Sobre el concepto de 'colocación' y sus límites. *Lingüística española actual*, v. 23, n. 1, p. 9-40, 2001.

BRUGÈ, L. 'Otro': consideraciones a favor de su no inclusión en la categoría de determinante. *Borealis—An International Journal of Hispanic Linguistics*, v. 7, n. 2, p. 109-134, 2018. DOI <https://doi.org/10.7557/1.7.2.4582>

CARLSON, G. N. Same and different: Some consequences for syntax and semantics. *Linguistics and Philosophy*, p. 531-565, 1987. DOI <https://doi.org/10.1007/BF00628069>

CINQUE, G. **The syntax of adjectives. A comparative study.** Cambridge, MA: MIT Press, 2010. DOI <https://doi.org/10.7551/mitpress/9780262014168.001.0001>

CINQUE, G. The semantic classification of adjectives. a view from syntax. *Studies in Chinese Linguistics*, v. 35, n. 1, p. 1-30, 2014.

CORVER, N. Evidence for DegP. *In: Proceedings of NELS 21*, University of Massachusetts, Amherst, 1991. p. 33-47

CORVER, N. The Internal Syntax of The Dutch Extended Adjectival Projection. *Natural Language and Linguistic Theory* 15: 289-368, Kluwer Academic Publishers, 1997. DOI <https://doi.org/10.1023/A:1005846812956>

DOWTY, D. A Unified Indexical Analysis of Same and Different, A Response to Stump and Carlson'. Paper presented at the University of Texas. **Workshop on Syntax and Semantics**, Austin, Texas, March 22–24, 1985.

FÁBREGAS, A. Lexical and syntactic aspects of D-like and Q-like adjectives in Spanish. *Arbeitspapier*. Nr. 131, p. 41, 2019.

GOMES, A. Q.; SANCHEZ-MENDES, L. **Para conhecer semântica.** São Paulo: Contexto, 2018.

GOMES, A. Q.; SUDRÉ, T. G. A Posição do Adjetivo em Português Brasileiro (PB) na Interface Sintaxe-Semântica. *In: TESCARI NETO, A.; GOMES, A. Q. (org.). A Interface Sintaxe-Semântica: adjetivos e advérbios numa perspectiva formal.* Editora Pontes, Campinas (SP).

HACQUARD, V. The grammatical category of modality. *In: Proceedings of the 19th Amsterdam colloquium.* p. 19-26, 2013.

HEIM, I. **Notes on comparatives and related matters.** Unpublished ms., University of Texas, Austin, 1985.

KENNEDY, C. **The syntax and semantics of gradability and comparison**. PhD Thesis. University of California, Santa Cruz. 1997.

KENNEDY, C.; MCNALLY, L. Scale structure, degree modification, and the semantics of gradable predicates. **Language** 81, 345-381, 2005. DOI <https://doi.org/10.1353/lan.2005.0071>

MENUZZI, S. **Sobre a modificação adjetival do português: uma teoria da projeção dos adjetivos**. 1992. 194f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – IEL, UNICAMP, Campinas, 1992.

MOLTMANN, F. Reciprocals and "Same/Different": Towards a Semantic Analysis. **Linguistics and Philosophy**, p. 411-462, 1992. DOI <https://doi.org/10.1007/BF00627683>

MÜLLER, A. L.; NEGRÃO, E. V.; NUNES-PEMBERTON, G. Adjetivos no português do Brasil: predicados, argumentos ou quantificadores? *In: Gramática do português falado: novos estudos descritivos* [S.l: s.n.], 2002.

NORRIS, M. **A theory of nominal concord**. Tese de Doutorado, University of California, Santa Cruz, 276f., 2014.

PEREIRA, B. K. NUMP and Silent Nouns: syntactic boundaries for plural marking in BP. **REVISTA DA ANPOLL**, v. 1, n. 46, p. 18-39, 2018. DOI <https://doi.org/10.18309/anp.v1i46.1082>

PIRES DE OLIVEIRA, R. **Dobras e Redobras: Do Singular Nu No Português Brasileiro: Costurando a Semântica entre as Línguas**. EDIPUCRS, 2017.

SCHMITT, C.; MUNN, A. Against the nominal mapping parameter: Bare nouns in Brazilian Portuguese. **PROCEEDINGS-NELS**. 1999. p. 339-354.

ZAMPARELLI, R. Prenominal modifiers, Degree Phrases and the structure of AP. **University of Venice Working Papers in Linguistics**, 3, 1993. p. 138-161.

Artigo recebido em: 04.02.2020

Artigo aprovado em: 02.03.2020

Ahead of Print em: 17.04.2020